REVISTA ELETRÔNICA
ACERVO ENFERMAGEM
ISSN 2674-7189



Fatores associados as dificuldades do aleitamento materno exclusivo no período de seis meses

Factors associated with difficulties in exclusive breastfeeding during the six month of life

Factores asociados a las dificultades de la lactancia materna exclusiva durante los primeros seis meses de vida

Vanessa Zardo Lazzari[1], Rosana Pinheiro Lunelli[1], Quézia Lidiane Steinmetz[2].

RESUMO

Objetivo: Descrever os fatores que dificultam a manutenção do AME durante os primeiros seis meses de vida do lactante. **Métodos:** Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa, transversal, realizado no período de fevereiro a março de 2026. A amostra foi constituída por 30 mulheres com idade igual ou superior a 18 anos em período de AME. A coleta de dados foi através de um questionário online autoaplicável com variáveis sociodemográficas, variáveis sobre gestação e puerpério e as variáveis das dificuldades sobre o aleitamento materno. O convite foi divulgado via redes sociais Facebook, Instagram e WhatsApp, garantindo anonimato, confidencialidade e participação voluntária. Os dados foram analisados por estatística descritiva e frequência absoluta. **Resultados:** Evidenciam elevada prevalência de dificuldades relacionadas ao AME, destacando dor mamária, fissuras ingurgitamento e dificuldade na pega. Observou-se elevada frequência de cansaço físico e sobrecarga emocional, além de interrupção do aleitamento associada ao retorno ao trabalho. Parte significativa das participantes relatou fragilidade nas orientações recebidas durante o pré-natal e puerpério. **Conclusão:** A manutenção do AME é influenciada por fatores clínicos, emocionais e assistenciais, sendo necessária qualificação do suporte profissional e a implementação de estratégias que promovam condições adequadas para sua continuidade.

Palavras-chave: Aleitamento materno, Promoção da saúde, Amamentação.

ABSTRACT

Objective: To describe the factors that challenge the maintenance of exclusive breastfeeding (EBF) during the first six months of an infant's life. **Methods:** This was a cross-sectional study with a quantitative approach, conducted between February and March 2026. The sample consisted of 30 women aged 18 years or older who were practicing exclusive breastfeeding. Data were collected through a self-administered online questionnaire comprising sociodemographic, gestational, postpartum, and breastfeeding-related difficulty variables. Participants were recruited through Facebook, Instagram, and WhatsApp, ensuring anonymity, confidentiality, and voluntary participation. Data were analyzed using descriptive statistics and absolute frequency. **Results:** The findings revealed a high prevalence of challenges related to the maintenance of EBF, particularly breast pain, nipple fissures, breast engorgement, and difficulties with infant latch. A high frequency of physical fatigue and emotional burden was also observed among participants, as well as breastfeeding interruption associated with returning to work. Furthermore, a significant proportion of women

[1] Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG), Caxias do Sul – RS.
[2] Secretaria de Saúde, Caxias do Sul – RS.

SUBMETIDO EM: 6/2026 | **ACEITO EM: 7/2026** | **PUBLICADO EM: 11/2026**

reported insufficient guidance and support during prenatal care and the postpartum period. **Conclusion:** The maintenance of exclusive breastfeeding is influenced by clinical, emotional and healthcare-related factors. Therefore, strengthening professional support and implementing strategies that promote adequate conditions for breastfeeding continuity are essential to ensure exclusive breastfeeding during the first six months of an infant's life.

Keywords: Breast feeding, Health promotion, Breastfeeding.

RESUMEN

Objetivo: Describir los factores que dificultan el mantenimiento de la lactancia materna exclusiva (LME) durante los primeros seis meses de vida del bebé. **Métodos:** Se trata de un estudio transversal, con enfoque cuantitativo, realizado entre febrero y marzo de 2026. La muestra estuvo compuesta por 30 mujeres de 18 años o más que se encontraban en período de lactancia materna exclusiva. La recolección de datos se realizó mediante un cuestionario en línea autoadministrado que incluyó variables sociodemográficas, gestacionales, puerperales y relacionadas con las dificultades experimentadas durante la lactancia. La invitación a participar fue difundida a través de las redes sociales Facebook, Instagram y WhatsApp, garantizando el anonimato, la confidencialidad y la participación voluntaria. Los datos fueron analizados mediante estadística descriptiva y frecuencia absoluta. **Resultados:** Los resultados evidenciaron una alta prevalencia de dificultades relacionadas con el mantenimiento de la LME, destacándose el dolor mamario, las grietas en los pezones, la congestión mamaria y las dificultades en el agarre del bebé. También se observó una alta frecuencia de cansancio físico y sobrecarga emocional entre las participantes, así como la interrupción de la lactancia asociada al regreso al trabajo. Además, una proporción significativa de las mujeres informó haber recibido orientación insuficiente durante el control prenatal y el período posparto. **Conclusión:** El mantenimiento de la lactancia materna exclusiva está influenciado por factores clínicos, emocionales y relacionados con la atención en salud. En este contexto, es necesario fortalecer el apoyo profesional e implementar estrategias que favorezcan condiciones adecuadas para la continuidad de la lactancia durante los primeros seis meses de vida del bebé.

Palabras clave: Lactancia materna, Promoción de la salud, Amamantamiento.

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno constitui uma prática fundamental para a formação da saúde infantil, especialmente quando realizada de maneira exclusiva. A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de vida e a manutenção da amamentação, associada a alimentação complementar adequada até os dois anos ou mais. Dados mais recentes da OMS indicam que aproximadamente 48% dos lactantes de 2024 a 2025 menores de seis meses encontram-se em AME em nível global, demonstrando um avanço em relação aos 44% observados no período de 2015 a 2020, porém ainda abaixo das metas, reforçando a necessidade de estratégias e incentivo (*WORLD HEALTH ORGANIZATION,* 2025).

Diante desse cenário, práticas que interferem na amamentação antes dos seis meses podem ser desencadeadas por vários fatores, como renda familiar per capita, visita domiciliar puerperal, hábito de chupeta, experiência prévia de aleitamento, apoio paterno, grau de escolaridade da mãe, entre outros (VARGAS MEC, et al., 2023).

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância, reforçam que intervenções educativas, apoio contínuo as mães e políticas públicas eficazes são estratégias essenciais para melhorar os índices de aleitamento materno no mundo. Relatórios recentes indicam que, para lançar as metas globais até 2030, é necessário ampliar investimentos em ações de promoção do aleitamento, incluindo capacitação de profissionais, incentivo a amamentação no ambiente de trabalho e fortalecimento das redes de apoio (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2025).

Nesse contexto, a atuação do enfermeiro assume papel fundamental na promoção, proteção e manutenção do aleitamento materno, por meio de orientações e do acompanhamento contínuo da mulher durante o processo de amamentação. Para além da transmissão de informações, a assistência de enfermagem deve considerar as particularidades, dúvidas e dificuldades, favorecendo uma experiência mais segura e satisfatória. Dessa forma, é essencial que o profissional esteja capacitado e possua conhecimentos e habilidades para oferecer uma assistência acolhedora, humanizada e adequada as necessidades de cada mulher (COIMBRA et al., 2014; SOUZA; GERMANO, 2025).

Assim, este estudo, propõe-se com o objetivo de descrever os fatores que dificultam a manutenção do aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do lactante. Justifica-se pela necessidade de ampliar o conhecimento científico sobre o tema e subsidiar estratégias mais eficazes de intervenção, considerando que apesar de seus benefícios amplamente comprovados a prevalência do AM ainda se encontra abaixo do ideal, evidenciando lacunas na assistência e nas ações de promoção à saúde.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, do tipo transversal e descritivo. A amostra foi não probabilística por conveniência, sendo constituída por mulheres que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, mediante acesso a um formulário eletrônico.

Participaram do estudo 30 mulheres com idade igual e superior a 18 anos, em período de aleitamento materno exclusivo, mulheres que cessaram a amamentação em um período de seis meses e os excluídos foram as devolutivas de instrumentos incompletos. A pesquisa foi através de questionário estruturado e elaborado pelas pesquisadoras com base na literatura científica.

O instrumento foi disponibilizado na plataforma Google Forms, com questões objetivas, contemplando variáveis sociodemográficas (idade, escolaridade, situação ocupacional), variáveis sobre gestação e puerpério (número de gestações, tipo de parto realizado) e as variáveis das dificuldades do aleitamento materno (pega correta, ingurgitamento mamário, volta ao trabalho). As redes utilizadas foram: Facebook, Instagram e WhatsApp. As plataformas de pesquisa justificam pela facilidade de acesso.

Para a coleta de dados foi enviado um convite com o link do questionário, o tempo de preenchimento foi entre 20 a 30 minutos. O prazo do envio das respostas foi de até 10 dias. O período da coleta de dados foi de 13 de fevereiro a 30 de março de 2026. Apenas uma participante não enviou o questionário aplicado.

Os dados foram organizados em planilha do Microsoft Excel® e analisados por meio de estatística descritiva simples, utilizando frequência absoluta (n) e relativa (%). Os resultados foram apresentados em tabelas conforme as variáveis investigadas.

Os princípios éticos foram estabelecidos pela Lei 14.874/202. As participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecida (TCLE), sendo sua concordância condição obrigatória para participação da pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário FSG, sob a CAAE: 94371725.9.0000.5668 e o parecer nº 8.172.195.

RESULTADOS

A amostra do estudo foi constituída por 30 participantes, cujo dados sociodemográficos encontram-se sistematizados na **Tabela 1**. Em relação à faixa etária a predominância é entre 31 e 40 anos. A escolaridade, chama atenção, a maioria está cursando o ensino superior e pós-graduação.

A etnia autodeclarada predominante foi branca. O estado civil majoritário foi casado e a situação ocupacional de trabalho foi o regime de contratação formal (carteira assinada) e as atividades autônomas. A renda a maioria na faixa de até três salários-mínimos.

Tabela 1 - Distribuição das participantes, segundo as variáveis faixa etária, escolaridade, etnia, estado civil, ocupação e renda. A análise da adesão da amostra (n=30).

Variável	N	%
Idade		
18-30	10	33,3
31-40	18	60
41-50	2	6,7
Escolaridade		
Ensino Médio	7	23,3
Ensino Superior	12	40
Pós-graduação	11	36,7
Etnia autodeclarada		
Branca	24	80
Parda	6	20
Estado Civil		
Solteira	06	20
Casada	23	76,7
Divorciada	01	3,3
Ocupação		
Carteira Assinada	22	73,3
Autônoma	07	23,3
Dona de casa	01	3,3
Renda		
Até 1 salário	3	10
1-3 salários	11	36,7
Acima 3 salários	16	53,3
Total	30	100

Fonte: Lazzari VZ, et al., 2026.

As características clínicas de histórico ginecológico e hábitos de vida das participantes estão apresentados na **Tabela 2**. As participantes a maioria realizam consultas com periodicidade anual e vivenciaram de uma a duas gestações. A via de parto predominante é a cesárea. Os hábitos de saúde, a análise contemplou o uso de medicamentos, tabagismo e a prática de atividade física, permitindo traçar o perfil de autocuidado e as vulnerabilidades das participantes.

Tabela 2 - Distribuição das características obstétricas e de hábitos de vida das participantes. Análise da adesão da amostra (n=30).

Variáveis	N	%
Acompanhamento Ginecológico		
Sim	28	93,3
Não	2	6,7
Frequência ao ginecologista		
Uma vez por ano	25	83,3
Mais de uma vez por ano	5	16,7
Gestações prévias		
Uma gestação	17	56,7
Duas Gestações	10	33,3
Três ou mais gestações	2	6,7
Aborto	1	3,3
Via de parto		
Normal	5	16,7
Cesárea	25	83,3
Uso de medicamento		
Sim, uso contínuo	13	43,3
Sim, uso eventual	6	20
Não fez uso	11	36,7
Uso de derivados do tabaco		
Sim, mas interrompido	4	13,3
Sim, uso atual	1	3,3
Nunca	25	83,3
Atividade física		
Sim, antes da gestação	8	26,7
Sim, manteve durante a gestação	6	20
Não realizo	16	53,3
Total	30	100

Fonte: Lazzari VZ, et al., 2026.

A **Tabela 3** descreve as intercorrências vivenciadas pelas participantes durante o aleitamento materno. A dificuldades na pega do bebê foi de 50%, diferentes conformações mamilares, porém, o mamilo normal predominou em 50%. Predominância de frequência de dor, desconforto e sensibilidade mamária, 70% apresentaram fissura mamilar e ingurgitamento respectivamente. Em contraponto, a mastite estava presente em apenas 36,7%.

Destaca-se a interrupção do AM relacionada ao retorno ao trabalho 63,3%. No que diz respeito a efetividade da amamentação 90% das participantes relataram um esvaziamento completo durante o AM. O início de fórmula infantil foi relatado em 50% das participantes, 100% retrataram um cansaço físico e emocional e a maior parte das puérperas receberam apoio familiar.

Tabela 3 - Descrição da experiência, percepção e intercorrências associadas ao aleitamento materno das participantes. Análise da adesão da amostra (n=30).

Variáveis	N	%
Dificuldade com a pega		
Sim	15	50
Não	15	50
Tipo de mamilo		
Normal	11	36,7
Plano	6	20
Curto	10	33,3
Invertido	3	10
Dor/desconforto ou sensibilidade aumentada		
Sim	27	90
Não	3	10
Fissura mamilar		
Sim	21	70
Não	9	30
Presença de ingurgitamento mamário		
Sim	21	70
Não	9	30
Apresentou sinais de mastite		
Sim	11	36,7
Não	19	63,3
Interrupção do AM pelo retorno ao trabalho		
Sim	19	63,3
Não	11	36,7
Sente que o bebê consegue esvaziar bem a mama		
Sim	27	90
Não	3	10
Utilizou fórmula infantil		
Sim	15	50
Não	15	50
Durante o AM sentiu-se sobrecarregada fisicamente e emocionalmente		
Sim	30	100
Não	-	-
Apoio da família		
Sim	26	86,7
Não	4	13,3
Total	30	100

Fonte: Lazzari VZ, et al., 2026.

Os resultados apresentam a percepção das puérperas em relação a atuação da equipe de enfermagem no aleitamento materno. Observa-se que as participantes relataram ter recebido orientações durante o pré-natal, enquanto outra parcela referiu não ter realizado acompanhamento. Em relação a necessidade de

informação, metade das participantes sentiram falta de orientação pela equipe de saúde. Outro dado retrata que a maioria acredita sobre a importância da atuação da equipe de enfermagem no aleitamento materno. Dados descritos na **Tabela 4**.

Tabela 4 - Percepção das participantes no pré-natal acerca das orientações do Aleitamento Materno fornecidas pela equipe de enfermagem (n=30).

Variáveis	N	%
Orientações recebidas sobre o AM		
Sim	14	46,7
Não	11	36,7
Sentiu falta de informações e ou orientações da equipe		
Sim	15	50
Não	15	50
A equipe de enfermagem desempenha um papel importante no AM		
Sim	15	50
Parcialmente	10	33,3
Não	5	16,7
Total	30	100

Legenda: AM = Aleitamento materno.
Fonte: Lazzari VZ, et al., 2026.

DISCUSSÃO

A caracterização sociodemográfica das participantes revela um perfil predominantemente favorável ao AME. A predominância de mulheres entre 31 e 40 anos (60%) pode ser interpretada como fator de proteção para o AME, uma vez que a idade materna mais avançada está associada a maior experiência acerca da amamentação, seja por conta das gestações anteriores ou pelos conhecimentos formais recebidos durante o pré-natal, o parto, puerpério, planejamento reprodutivo e acesso ao serviço de saúde (VARGAS MEC, et al., 2023).

A elevada escolaridade identificada no estudo é frequentemente descrita como fator protetor para o AME, pois favorece o acesso à informação qualificada e maior compressão dos benefícios da amamentação. Faria et al. (2023) destacam que características como menor escolaridade e retorno precoce ao mercado de trabalho são apontadas como fatores que podem contribuir para a redução das chances de manutenção do AME (FARIA ERet al., 2023).Assim a escolaridade apresenta um papel ambivalente, atuando simultaneamente como fator de proteção e risco, dependendo do contexto ocupacional e do suporte institucional disponível.

A renda elevada acima de 3 salários-mínimos (53,3%) das participantes sugere melhores condições de acesso aos serviços de saúde e informações. Estudo de (Silva ALB, 2023), indica que, embora melhores condições socioeconômicas favoreçam o conhecimento sobre a amamentação, elas também estão associadas a estilos de vida que podem dificultar sua manutenção, como inserção profissional e menor disponibilidade de tempo. Além disso fatores estruturais como políticas de licença-maternidade e apoio institucional,são mais determinantes para o sucesso do AME do que renda isoladamente (VARGAS MEC,et al., 2023).

Nesse contexto a percepção de mulheres com vínculo empregatício, representa um dos principais dificultadores. As instituições empregatícias, muitas vezes, não fornecem os direitos à mulher ou não apresentam tais direitos de forma elegível à maternidade, fato que instabiliza a manutenção do AME. Segundo (FARIA ER, 2023) a literatura associa o retorno precoce ao trabalho à introdução de outros alimentos, tendo em vista que, em muitas ocasiões, as mulheres precisam exercer suas atividades longe de casa, enfrentando longas jornadas de trabalho, com pouca ou nenhuma flexibilidade em relação aos horários, também tendo que conciliar suas atividades laborais a outras atribuições, como os afazeres domésticos.

A predominância 76,6% do estado civil casada sugere a presença de suporte familiar, reconhecido como um dos principais fatores facilitadores da amamentação. O apoio do parceiro e da família influencia diretamente na decisão de iniciar e manter a amamentação exclusiva até os 6 meses de idade do bebê (MACHADO MED, et al., 2023). Estudo de (FARIA ER, 2023) considera a presença do companheiro como protetora do AME na medida em que os dados indicam que esse fator pode resultar em aumento nas chances de amamentação exclusiva pelo tempo preconizado. A perspectiva materna destaca a presença de companheiro como suporte de maior relevância para a amamentação. As participantes autodeclaradas predominantemente brancas refletem a composição ética, mas também levanta questões sobre a representatividade de grupos racialmente diversos, especialmente considerando que mulheres negras e pardas apresentam, historicamente, maior vulnerabilidade e menor acesso aos serviços de saúde (SILVA ALB, et al., 2023).

A pesquisa revela uma adesão ao acompanhamento ginecológico nas consultas anuais. O acompanhamento em saúde, especialmente durante o pré-natal, constitui um dos principais determinantes para o sucesso do AME, uma vez que possibilita ações educativas e orientações qualificadas às gestantes. O acompanhamento ginecológico no pré-natal tem como principal objetivo garantir o bem-estar do bebê e da mãe, promovendo um ambiente saudável. Essa prática é fundamental, para evitar complicações durante a gravidez e preparar a gestante para o parto e a maternidade (VIEIRA G, et al., 2024).

A experiência reprodutiva também constitui um aspecto a ser considerado na compreensão dos fatores relacionados ao AME. Faria et al; (2013) analisam a relação entre o número de filhos e a manutenção do aleitamento, observando uma maior prevalência entre mulheres com dois ou mais filhos. Entretanto esses achados reforçam que características relacionadas a experiência materna devem ser analisadas em conjunto pois podem interferir na manutenção do aleitamento (FARIA ER et al., 2023).A cesariana, apontada em 80% das participantes no estudo, representa um ponto relevante. O parto cesáreo está associado a maiores dificuldades no início do aleitamento materno, incluindo atraso na primeira mamada e maior risco de desmame precoce, pois há um menor contato nas primeiras horas de vida (FARIA ER, et al., 2023; SILVA ALB, et al., 2023). Por outro lado, o parto vaginal favorece o contato pele a pele precoce e a sucção na primeira hora de vida, práticas reconhecidas como fundamentais para o estabelecimento do AME (BRASIL, 2023). Dessa forma, a elevada taxa de cesárea pode considerar um fator limitante para a prática do aleitamento.

O uso significativo de medicamentos contínuos, exige análise cuidadosa, uma vez que, embora, muitos fármacos sejam compatíveis com a amamentação, a percepção materna sobre riscos pode levar à interrupção precoce da amamentação, muitas vezes a falta de orientação adequadas sobre medicação e amamentação constitui fator associado ao desmame precoce (SILVA ALB, et al., 2023).

Dado positivo referente ao uso do tabaco que apenas 3,3% referiram ser tabagista durante a gestação, considerando que o consumo de tabaco permanece como um importante fator de risco para diversas doenças e elevada mortalidade. O Instituto nacional de câncer destaca que o tabagismo está relacionado ao desenvolvimento de agravos à saúde, sendo um dos principais fatores relacionados ao adoecimento e morte da população (VARGAS MEC, et al., 2023). Outro dado que chama atenção é a proporção de mulheres que não realizam atividade física (53%) indicando um perfil de menor adesão a práticas de autocuidado. Embora a atividade física não esteja diretamente associada ao AME, comportamentos saudáveis tendem a ocorrer de forma agregada, sendo mulheres com maior adesão ao autocuidado mais propensas a manter AME. Adicionalmente, a prática de atividade física não compromete a produção de leite, sendo segura e recomendada durante o período de amamentação (BRASIL, 2023).

A dificuldade na pega do mamilo esteve presente em metade das participantes (50%), achado relevante, uma vez que a pega inadequada está diretamente associada ao surgimento de diversas complicações mamárias e a redução da eficácia da amamentação. Segundo (CAVALCANTE GA, et al., 2025) a avaliação da pega tem importância significativa no cuidado de enfermagem, pois assegura o posicionamento adequado do bebê e prevenir intercorrências como dor mamilar e redução na produção do leite. A enfermagem desempenha um papel educacional ao ensinar as mães a identificar e corrigir a pega

inadequada, contribuindo para uma boa experiência e sucesso ao longo do período. Quanto a características mamilares, embora haja predominância de mamilos normais, observa-se uma parcela anatômica (mamilo plano, curto e invertido), que podem dificultar a adaptação do recém-nascido. Essas condições, quando associadas a falta de orientação adequada, podem contribuir para a dificuldades na amamentação e maior risco de intercorrência no puerpério (SOARES EMF, et al., 2026).

Outro fator associado é a dor relatada em 90% das participantes, desconforto ou sensibilidade aumentada, reforça que esse é um dos principais desafios enfrentados pelas puérperas. Essas condições estão fortemente associadas a comprometer a manutenção da amamentação, visto que resultam da interação entre fatores fisiológicos, técnicos e comportamentais envolvidos no processo de lactação (OLIVEIRA ICR; CARNEIRO RRB, 2026). Além disso, a presença de fissuras mamilares, ingurgitamento mamário e sinais de mastite entre as participantes evidenciam um cenário de complicações comuns no processo de amamentação.

O esvaziamento adequado das mamas foi relatado em 90% das participantes, o que pode indicar percepção positiva quanto à eficácia da amamentação. Estudo revela que o esvaziamento da mama é essencial para dar alívio para à mãe, diminuir a pressão dos alvéolos, aumentar a drenagem e do edema e comprometer a produção de leite, além de prevenir a ocorrência de mastite (COSTA I, et al., 2023).

No entanto, o uso de fórmula infantil por metade das participantes sugere introdução precoce de alimentação complementar, prática ainda frequente e muitas vezes relacionada a insegurança materna e a falta de orientação adequada durante o pré-natal e puerpério (LIMA RV, et al., 2023).

A enfermagem também atua na identificação precoce de dessas condições, a observação da mãe, junto com uma comunicação aberta é essencial para detectar e resolver problemas sendo um aspecto crítico no cuidado de enfermagem relacionado à amamentação (CAVALCANTE GA, et al., 2025).

A experiência da amamentação pode ser acompanhada dor diferentes dificuldades que interferem na sua manutenção. Lima et al. (2023), ao analisarem os fatores relacionados a adesão ao aleitamento materno, identificaram diversos elementos associados ao desmame precoce, incluído dificuldades relacionadas a prática da amamentação, ausência de orientações, fatores sociodemográficos e influência do contexto familiar. Nesse cenário o suporte dos profissionais de saúde e a presença de uma rede de apoio fortalecem a autoconfiança materna, reduz a autoconfiança e favorece a continuidade do aleitamento materno (FACULDADE SANTA LUZIA, 2025; LIMA et al., 2023; LIRA et al., 2023).

Os resultados da pesquisa retratam fragilidades na oferta de orientações sobre o AME, uma vez que apenas 46,7% das participantes referiram ter recebido orientações, enquanto 36,7% relataram não terem sido orientadas, além disso, o fato de 50% das participantes relatarem sentir falta de informação reforça também que a qualidade das orientações é insuficiente. Segundo (OLIVEIRA ICR, et al., 2024), observou-se a importância da efetiva capacitação dos profissionais de saúde no manejo da amamentação, considerando toda sua complexidade e o impacto profissional na tomada de decisão materna/familiar. Para realizar tais medidas, o profissional deve ter, além do embasamento teórico e clínico, aptidão para a comunicação, usando habilidades de desenvolver a confiança e dar apoio.

Corroborando com os achados, o estudo aponta que a autonomia e manutenção do aleitamento é alcançada a partir do desenvolvimento de habilidades técnicas que não se limitam apenas a obtenção da informação, mas também ao incentivo e apoio durante esse processo. Os profissionais de saúde que se colocam autenticamente presentes e disponíveis para as mães quando necessário, fazem com que elas se sintam mais confortáveis e confiantes quanto à prática de aleitamento (LIRA KAS, et al., 2024).

A importância da atuação da enfermagem na promoção do aleitamento materno é percebida pelas participantes. Esse resultado reforça o papel central do enfermeiro na promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, especialmente por meio de ações educativas e acompanhamento contínuo (SANTANA APS, et al., 2023). Entretanto a parcela de participantes que não reconhece essa importância, sugere possíveis falhas na comunicação, vínculo ou abordagem profissional.

CONCLUSÃO

A pesquisa evidencia que a manutenção do AME permanece como um desafio multifatorial, fortemente influenciado por aspectos sociodemográficos, clínicos e assistenciais, configurando-se como um dos fatores mais relevantes para a interrupção ao aleitamento e as intercorrências mamárias, como dor, fissuras e ingurgitamento, a dificuldade na pega correta, a sobrecarga física e emocional, além do retorno precoce ao trabalho. Apesar da presença de fatores protetores, como o apoio familiar e reconhecimento de importância da enfermagem, foi possível observar fragilidade na oferta e na qualidade das orientações fornecidas durante o pré-natal e puerpério, evidenciando a necessidade de fortalecimento das ações educativas assertivas e do acompanhamento contínuo pela equipe de enfermagem, bem como da implementação de políticas públicas e institucionais que garantam condições adequadas para a manutenção da amamentação. Dessa forma, as puérperas necessitam de estratégias integradas que considerem as demandas biopsicossociais um fortalecimento para a promoção, proteção e apoio efetivo ao AME.

REFERÊNCIAS

1. AMAMENTAÇÃO EXCLUSIVA ATÉ O SEXTO MÊS: OS DESAFIOS E DIFICULDADES ENFRENTADOS NO ALEITAMENTO MATERNO. Faculdade Santa Luzia. Disponível em: https://faculdadesantaluzia.edu.br/trabalho/amamentacao-exclusiva-ate-o-sexto-mes-os-desafios-e-dificuldades-enfrentados-no-aleitamento-materno/. Acesso em: 6 jun. 2026.
2. AND, N. *Global nutrition targets 2030: topical briefs on maternal, infant and young child nutrition.*Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/B09485. Acesso em: 28 maio 2026.
3. CAVALCANTE, Gilson Aquino; FERNANDES, Fernando Liberalino; FERNANDES, Thales Allyrio Araújo de Medeiros. O toque do cuidado: enfermagem e a jornada da amamentação. Revista Brasileira Multidisciplinar, Araraquara, v. 28, n. 3, p. 260-269, 2025. DOI: 10.25061/2527-2675/ReBraM/2025.v28i3.2293. Disponível em: Acesso em: 27 maio 2026.
4. COIMBRA JS, et al. Protocolos de aconselhamento em aleitamento materno: revisão de escopo. Revista Enfermagem UERJ, 2024. DOI: 10.12957/reuerj.2024.82986.
5. COSTA I, et al. Atuação do Enfermeiro na Prevenção de Mastite Puerperal na Atenção Básica de Saúde. Práticas, políticas e inovação na abordagem multidisciplinar, 2023; 1(28): 157-167, 2023.
6. FARIA ER, et al. Fatores relacionados ao aleitamento materno exclusivo no contexto da Atenção Primária à Saúde. CoDAS, 2023: 35(5). DOI: 10.1590/2317-1782/20232021163pt.
7. Instituto Nacional de Câncer - INCA. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br. Acesso em: 28 maio 2026.
8. LIMA RV, et al. As dificuldades de adesão ao aleitamento materno: uma revisão integrativa. Revista Humanidades e Inovação, 2023: 10(14). ISSN 2358-8322.
9. LIRA KAS, et al. Interferência do apoio profissional no aleitamento materno: revisão sistemática. Revista de Enfermagem UFPE, 2023. DOI: 10.5205/1981-8963.2023.253832.
10. MACHADO MED, et al. Prática de profissionais de saúde em aleitamento materno e fatores associados: estudo transversal. *Online Brazilian Journal of Nursing,* 2023; 22(20236646).
11. OLIVEIRA ICR, CARNEIRO RRB. Intervenções de enfermagem no manejo da dor mamária. RECIMA21, 2026. DOI: 10.47820/recima21.v7i2.7306 (Recima21).
12. MARCATO PCG. Dificuldades De Adesão Ao Aleitamento Materno Exclusivo. Governador Valadares, 2010; [s./n.]. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/Dificuldades_adesao_aleitamento.pdf. Acesso em: 6 jun. 2026.
13. SANTANA APS, et al. Assistência do enfermeiro no aleitamento materno: revisão de literatura. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i6.2023-070.
14. SILVA ALB, et al. Determinantes em saúde associados ao aleitamento materno exclusivo: revisão de escopo. Revista CEFAC, 2023; 25(5). DOI: 10.1590/1982-0216/20232556822.

15. SOARES EMF, et al. Atuação do enfermeiro diante dos desafios do aleitamento materno exclusivo. Revista Multidisciplinar do Centro Universitário FIPMoc, 2026; 39(1).
16. VARGAS MEC, et al. Prevalência de aleitamento materno exclusivo e complementar e fatores associados, em cenário nacional: revisão integrativa. Revista Enfermagem Atual In Derme, 2023: 97(3): e023166–e023166.
17. VARGAS MEC, et al. Vista do Prevalência de aleitamento materno exclusivo e complementar e fatores associados, em cenário nacional: revisão integrativa. Disponível em: https://www.revistaenfermagematual.com.br/revista/article/view/1565/3444. Acesso em: 30 maio 2026.
18. VIEIRA G, et al. Aleitamento materno para profissionais de enfermagem: revisão integrativa. Revista Recien, 2024; 14(42): 221-231. DOI: 10.24276/rrecien2024.14.42.221231.
19. *World Health Organization. (2025). Infant and Young Child Feeding.* Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/infant-and-young-child-feeding. Acesso em: 25 maio 2026.